



**Ispa**

Instituto Universitário  
de Ciências Psicológicas,  
Sociais e da Vida

DISCREPÂNCIA ENTRE A INTIMIDADE E A  
PORNOGRAFIA E A SUA ASSOCIAÇÃO COM A  
QUALIDADE DA RELAÇÃO E DESEJO DE  
COMPORTAMENTOS EXTRADIÁDICOS

SUSANA ALEXANDRA PLÁCIDO MONTEIRO

Orientador de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR PEDRO A. COSTA

Coorientador de Dissertação:

DOUTOR DAVID L. RODRIGUES

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Prof. Dr. Pedro A. Costa e coorientação do Doutor David L. Rodrigues, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

## **Agradecimentos**

Esta dissertação representa o fim de uma etapa importante na minha vida. Felizmente esta etapa foi marcada por pessoas muito significativas tanto a nível académico como pessoal.

Antes de mais, tenho de agradecer ao Dr. David Rodrigues, que tão bem me acompanhou durante todo o processo, que se manteve sempre disponível e me motivou sempre da melhor forma, e, principalmente, obrigada pela exigência que me fez dar o meu melhor neste trabalho. Quero agradecer também ao Prof. Pedro Costa, que, apesar de não estar muito dentro do tema, sempre me tentou aconselhar da melhor forma.

Um muito obrigada à minha família que sempre me apoiou sempre nas minhas escolhas e a seguir aquilo que mais gosto. Ao Ricardo por toda a paciência em me ouvir quando me sentia frustrada e por ter acreditado em mim quando já nem eu era capaz.

Preciso de também de agradecer às minhas amigas Cátia e Marta que me proporcionaram momentos de descontração e desabafo quando mais precisei. E um obrigada muito especial à minha amiga Luísa que sempre se mostrou disponível para ajudar em tudo e que tem dado um apoio incondicional nestes últimos anos, obrigada por me ouvires com as minha crises existenciais e em nunca me teres deixado baixar os braços. À Catarina e ao Tiago pela longa amizade e que mesmo afastados sei que estão sempre lá quando preciso.

Agradeço também ao Dr. Pedro Abafa que me ajudou, não só como meu orientador de estágio, mas também com longas conversas e desabafos.

Agradeço também ao ISPA – Instituto Universitário, à instituição que tornou este projeto e a concretização de um sonho possível. E aos professores do Iscte-Instituto Universitário de Lisboa que, por tanto terem insistido em participarmos em projetos de investigação, me deixaram bases e um gosto especial na realização desta dissertação.

## Resumo

A investigação tem mostrado que a visualização de pornografia se associa à qualidade da relação e à propensão para comportamentos extradiádicos. Contudo, não se analisou ainda se estas associações podem advir da discrepância entre os conteúdos pornográficos que as pessoas visualizam e as suas atividades sexuais na relação. Como tal, pretendemos analisar em que medida a visualização mais frequente de conteúdos e atividades que não são postas em prática na relação sexual (i.e., discrepância no sentido da pornografia) se associa à qualidade da relação e ao desejo por comportamentos extradiádicos. Pretendemos igualmente perceber se estas associações são explicadas pela necessidade de novidade sexual e pela satisfação sexual, bem como se diferem consoante o género. Num estudo correlacional com pessoas numa relação amorosa ( $N = 733$ ), verificámos que a maior discrepância no sentido da pornografia se associou a menor novidade sexual e menor satisfação sexual. Contudo, apenas a satisfação sexual se associou a menor qualidade da relação e a maior desejo de comportamentos extradiádicos, tanto sexuais como emocionais. Ainda que mulheres reportassem maior satisfação sexual relacional e homens reportassem maior desejo de comportamentos extradiádicos, o género não emergiu como moderador dos resultados. Os resultados deste estudo sugerem que a pornografia pode servir como forma de combate às necessidades sexuais através das fantasias sexuais, mas também aumentando as frustrações sexuais não atendidas.

**Palavras-chave:** Pornografia, relações amorosas, novidade sexual, satisfação sexual, qualidade da relação

## **Abstract**

Research has shown that viewing pornography is associated with relationship quality and propensity for extradyadic behavior. However, it has not yet been examined whether these associations may stem from the discrepancy between the pornographic content people view and their sexual activities in the relationship. As such, we want to examine to what extent more frequent viewing of content and activities that are not put into practice in the sexual relationship (i.e., pornography discrepancy) is associated with relationship quality and desire for extradyadic behavior. We also want to understand whether these associations are explained by the need for sexual novelty and sexual satisfaction, and whether they differ by gender. In a correlational study of people in a romantic relationship ( $N = 733$ ), we found that greater discrepancy in the direction of pornography was associated with less sexual novelty and less sexual satisfaction. However, only sexual satisfaction was associated with lower relationship quality and greater desire for extradyadic behaviors, both sexual and emotional. Even though women reported higher relational sexual satisfaction and men reported higher desire for extradyadic behaviors, gender did not emerge as a moderator of the results. The results of this study suggest that pornography may serve as a way to combat sexual needs through sexual fantasies, but also by increasing unmet sexual frustrations.

**Keywords:** Pornography, love relationships, sexual novelty, sexual satisfaction, relationship quality

## Índice

|   |    |
|---|----|
| Introdução  | 1  |
| Enquadramento Teórico                             | 3  |
| Definição de Pornografia                          | 3  |
| Pornografia e Comportamentos Extradiádicos        | 6  |
| Diferenças de Género                              | 9  |
| Presente Estudo e Hipóteses                       | 10 |
| Método  | 11 |
| Desenho de Investigação                           | 11 |
| Participantes                                     | 11 |
| Medidas   | 13 |
| Informação Sociodemográfica                       | 13 |
| Discrepância entre Pornografia e Atividade Sexual | 13 |
| Novidade Sexual                                   | 14 |
| Satisfação Sexual                                 | 14 |
| Desejo de Comportamentos Extradiádicos            | 14 |
| Qualidade da Relação                              | 15 |
| Procedimentos                                     | 15 |
| Plano de Análise                                  | 16 |
| Resultados  | 16 |
| Análise Descritiva                                | 16 |
| Análise das Mediações Moderadas                   | 17 |
| Discussão   | 21 |
| Limitações  | 23 |
| Implicações/ Sugestões para Estudos Futuros       | 24 |
| Conclusões  | 25 |

|             |    |
|-------------|----|
| Referências | 26 |
| Anexos      | 36 |

### **Lista de Tabelas**

|   |    |
|---|----|
| Tabela 1. <i>Informação demográfica de acordo com o gênero</i>    | 12 |
| Tabela 2. <i>Medidas Descritivas, Correlações entre Variáveis</i> | 17 |
| Tabela 3. <i>Modelos de Mediação Moderada</i>                     | 19 |

### **Lista de Imagens**

|   |    |
|---|----|
| Imagem 1. <i>Discrepância no sentido da pornografia e qualidade da relação, em função do gênero</i>         | 24 |
| Imagem 2. <i>Discrepância no sentido da pornografia e Satisfação Sexual Relacional, em função do Gênero</i> | 24 |
| Imagem 3. <i>Satisfação Sexual Individual e Desejo de CE Sexuais, em função do Gênero</i>                   | 24 |

### **Lista de Anexos**

|   |    |
|---|----|
| Anexo 1 – Ranking categorias da pornografia, listagem completa (Hald & Štulhofer, 2015) | 36 |
| Anexo 2 - Carta de Consentimento Informado  | 37 |
| Anexo 3 - Carta de Devolução  | 38 |
| Anexo 4 - Parecer Ético   | 39 |

## Introdução<sup>1</sup>

Ao longo dos anos, diversos estudos têm demonstrado que a visualização de pornografia tem implicações nas dinâmicas relacionais. Ainda que em determinadas circunstâncias o uso de pornografia se possa associar à experiência de menor qualidade da relação e à perda de interesse sexual na relação (Poulsen et al., 2013), noutras os padrões de uso de pornografia podem ajudar a incrementar tais experiências (Döring, 2009; Manning, 2006; Short et al., 2012). Efetivamente, a frequência de visualização de pornografia e a forma como esta é usada no contexto da relação (uso solitário vs. uso independente ou em conjunto) pode ter correlatos negativos e positivos para o funcionamento individual e relacional (Kohut et al., 2019). Por exemplo, a visualização de pornografia de forma isolada e solitária tende a associar-se a menor intimidade, compromisso, ou qualidade da relação, enquanto o uso conjunto (ou mesmo independente) tende a associar-se a maior qualidade da relação e maior satisfação sexual (e.g., Bridges & Morokoff, 2011; Kohut et al., 2021; Maddox et al., 2011; Minarcik et al., 2016; Rodrigues et al., 2020).

Sabendo que em determinados casos a visualização mais frequente de pornografia pode associar-se a menor compromisso relacional e que o compromisso é preditor de Comportamentos Extradiádicos (CE; Lambert et al., 2012), então a visualização de pornografia também poderá determinar a propensão para CE. De notar que os CE podem ser diferenciados entre emocionais (i.e., envolvimento emocional com uma terceira pessoa fora da relação; Carpenter, 2012) ou sexuais (i.e., envolvimento sexual, sem a implicação de sentimentos, com outra pessoa fora da relação principal; Guitar et al., 2017). Sendo a visualização de pornografia um comportamento maioritariamente sexual, esperamos uma maior associação a CE sexuais. Questionamos, contudo, se poderá associar-se também a uma maior predisposição para CE emocionais, já que a pessoa pode sentir frustração por não ser capaz de pôr em prática os seus desejos e fantasias na sua relação diádica, o que pode levar a procurar conforto afetivo noutras pessoas.

Os correlatos da visualização de pornografia também podem ser determinados pelo género. Por exemplo, Bridges e Morokoff (2011) mostrou que as mulheres, por tenderem a ver pornografia com o intuito de desenvolverem a sua performance sexual (e não necessariamente para obterem prazer individual), focam-se na melhoria da relação diádica. Pelo contrário, os

---

<sup>1</sup> Em todo o documento foi utilizada linguagem inclusiva, não binária e neutra em termos de género.

homens tendem a ver pornografia para obterem prazer e não com intuito de melhorar a relação sexual.

A investigação tem ainda demonstrado diferenças de género na incursão em CE, sendo que as mulheres têm maior probabilidade de se envolverem em CE emocionais e os homens de se envolverem em CE sexuais (Guitar et al., 2017). Não obstante, quando as mulheres efetuam CE sexuais, estão mais predispostas a ter simultaneamente CE emocionais, uma vez que estas não tendem a ter comportamentos sexuais sem que haja envolvimento emocional (DeSteno & Salovey, 1996). Desta forma, espera-se que a visualização de pornografia se associe a ambos os CE (i.e., CE emocionais e sexuais) para mulheres, no entanto, para os homens apenas se associe os CE sexuais.

Ainda que haja uma grande quantidade de investigação focada nas implicações da pornografia para o funcionamento individual e relacional (Kohut et al., 2021), a grande maioria analisa a frequência de uso e o tempo despendido com a visualização de pornografia (e.g., Gola et al., 2016; Schroder et al., 2003; Short et al., 2012). Na nossa perspetiva, a pornografia pode permitir que as pessoas colmatem necessidades sexuais através das suas fantasias sexuais, ou, por outro lado, enaltecer as frustrações sexuais que não são resolvidas na relação (e.g., Cooper et al., 2002; Paul & Shim, 2008; Reid et al., 2011). Assim, iremos focar a nossa análise nas pessoas que estão numa relação amorosa significativa, por ser o contexto no qual as pessoas poderão estar sujeitas a maior (ou menor) discrepância entre a frequência de visualização de diferentes atividades em material pornográfico e a frequência dessas mesmas atividades em contexto relacional. Neste sentido, focamo-nos na *discrepância* entre a frequência de visualização de determinados conteúdos de pornografia online e a frequência com que a pessoa realiza essas mesmas atividades na relação. Referimo-nos a *discrepância no sentido da pornografia* quando as pessoas visualizam mais frequentemente conteúdos que não são colocados em prática na sua relação sexual e a *discrepância no sentido da relação* quando as pessoas praticam mais frequentemente comportamentos que não visualizam na pornografia.

O objetivo geral deste estudo será, então, analisar em que medida a maior discrepância no sentido da pornografia (vs. relação) se associa à qualidade da relação e ao desejo por CE emocionais ou sexuais. Propomos também que estas associações possam ser explicadas, pelo menos em parte, pela novidade sexual e satisfação sexual, uma vez que, pessoas que visualizam pornografia mais frequentemente tendem a relatar menores níveis de novidade sexual e satisfação sexual, no entanto, estas parecem estar negativamente associadas à qualidade da relação, mas positivamente associadas ao desejo de CE emocionais e sexuais. As diferenças de

género serão também alvo de análise, já que a investigação prévia tem mostrado diferenças significativas entre géneros nas relações entre as variáveis em estudo.

Este estudo é relevante por permitir aprofundar o conhecimento na área do comportamento sexual, nomeadamente no papel que a pornografia pode ter junto de pessoas numa relação significativa. Isto pode ter implicações para a prática clínica, uma vez que a discrepância entre os conteúdos pornográficos visualizados e as práticas sexuais do casal podem influenciar diversos aspetos do funcionamento relacional, conseguindo auxiliar na promoção de práticas positivas para a relação (e.g., aumento da satisfação sexual e aprofundamento do compromisso) e prevenir práticas potencialmente destrutivas (e.g., comportamentos considerados como infidelidade). Desta forma, pretendemos compreender se o facto de as pessoas terem um equilíbrio entre os comportamentos sexuais visualizados na pornografia e postos em prática na relação pode proteger a relação, uma vez que se encontram mais predispostas a terem novas experiências sexuais (e.g., a visualização de pornografia conjuntamente). Assim, pessoas que têm uma maior discrepância no sentido da pornografia deverão sentir uma maior frustração sexual, pondo a relação em risco.

## **Enquadramento Teórico**

### **Definição de Pornografia**

Existe uma grande heterogeneidade na forma como se define pornografia na literatura (e.g., material sexualmente explícito, estímulos sexuais visuais; Vaillancourt-Morel et al., 2019). No seguimento de recomendações e conceptualizações mais recentes (Kohut et al., 2019; Rodrigues et al., 2020), definimos neste trabalho pornografia como qualquer vídeo de pessoas nuas, nos quais uma ou mais pessoas estão a ter atos ou relações sexuais. Para este estudo, concetualizámos a variável *visualização de pornografia* como o uso intencional de pornografia *online*, não só devido ao aumento exponencial que se tem observado com o avanço da tecnologia, mas também porque é acessível a custos reduzidos (ou gratuito), existe facilidade de acesso (i.e., basta ter um dispositivo com acesso à internet) e garante anonimato e privacidade no acesso (Cooper, 1998).

### ***Correlatos Individuais e Relacionais do Uso de Pornografia***

De um modo geral, podemos categorizar os correlatos da pornografia em individuais ou relacionais. A nível individual, vários estudos demonstraram que a visualização de pornografia pode ter benefícios, como o alívio do stress, redução do tédio e aumento do conhecimento sexual (Cooper et al., 2004; Hald & Malamuth, 2008; Paul & Shim, 2008). Por

exemplo, Dwulit e Rzymiski (2019) analisaram os padrões de consumo de pornografia e as opiniões sobre potenciais efeitos da visualização de pornografia. Verificou-se que as pessoas relataram mais frequentemente efeitos benéficos da visualização de pornografia (e.g., otimismo e curiosidade) do que efeitos adversos na qualidade da relação. Durante o primeiro confinamento na pandemia COVID-19, Rodrigues (2021) analisou se alterações no consumo de pornografia estavam associadas ao funcionamento individual e sexual de pessoas solteiras e numa relação. Neste caso, a visualização de pornografia de forma isolada parece ter sido uma ferramenta de obtenção de prazer sexual num contexto em que as interações sociais estavam limitadas. Contudo, a investigação tem também demonstrado que a visualização de pornografia (quando tido como problemático) pode também associar-se a problemas de funcionamento individual (e.g., perda de emprego), sexual (e.g., diminuição da satisfação sexual) e relacional (e.g., redução da satisfação relacional; Bóthe et al., 2017, 2020; Ford et al., 2012).

A visualização de pornografia pode prejudicar a qualidade da relação, uma vez que pode provocar alterações que podem ser problemáticas. A qualidade da relação é um construto que tem diversas definições (e.g., atitude subjetiva que pretende chegar a um grau de satisfação que corresponde a uma experiência afetiva que a pessoa faz da sua relação amorosa; Clements et al., 1997). Podemos dizer que a qualidade da relação é composta essencialmente por quatro fatores: intimidade (i.e., honestidade, confiança, etc.), acordo (i.e., semelhanças e objetivos mútuos); independência (i.e., autonomia e individualidade) e sexualidade (i.e., satisfação sexual e física; Hassebrauck & Fehr, 2002). Quanto mais a relação se aproxima do protótipo que as pessoas têm sobre uma boa relação, maior é a sua satisfação com a mesma (Hassebrauck & Aron, 2001).

Diversos estudos têm demonstrado alguns dos efeitos negativos do consumo de pornografia, como problemas no funcionamento interpessoal e psicossocial (Harper & Hodgins, 2016), consequências em relacionamentos românticos (de Alarcón et al., 2019; Gola et al., 2016; Kraus et al., 2016; Lewczuk et al., 2017; Short et al., 2012), problemas ocupacionais emocionais e insatisfação sexual (Cooper et al., 2002; Philaretou et al., 2005; Stack et al., 2004), ou mesmo disfunções sexuais e orgásmicas (Schneider, 2000). Diversos estudos têm constatado que a frequência de visualização de pornografia estivesse negativamente associada à satisfação sexual e relacional, ou seja, percebeu-se que à medida que a frequência de visualização de pornografia aumenta, a satisfação sexual e a satisfação relacional diminuem (Minarcik et al., 2016; Morgan, 2011). O estudo longitudinal realizado por Perry (2017) encontrou resultados semelhantes, averiguando que pessoas casadas que visualizam pornografia de forma isolada

com maior frequência demonstram um nível de qualidade da relação mais reduzido, quando esta era medida após seis anos, do que pessoas que apresentam uma menor frequência de visualização. O estudo de Schneider (2000), chegou mesmo a constatar que a excessiva visualização de pornografia online poderia aumentar a probabilidade dos casais se virem a separar. Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Perry e Davis (2017), onde tentaram compreender se consumidores de pornografia mais frequentes estavam mais propensos a uma rutura no relacionamento. Percebeu-se assim que, pessoas que consomem pornografia estão mais propensas a uma rutura no relacionamento do que aqueles que nunca viram pornografia. Assim, pode-se sugerir que o consumo de pornografia está associado a uma menor estabilidade dentro do relacionamento.

Ainda que pessoas que visualizam pornografia isolada e solitariamente relatam menor intimidade e menor compromisso na relação, o contrário parece verificar-se com pessoas que visualizam pornografia em casal (Bridges & Morokoff, 2011; Minarcik et al., 2016). Efetivamente, tem-se constatado que a visualização juntamente com o parceiro está associada a melhor satisfação sexual e qualidade da relação (Kohut et al., 2021; Maddox et al., 2011). Geralmente, o uso de pornografia pelo casal tem o objetivo de estimulação sexual (Daneback et al., 2009; Manning, 2006). No estudo de Staley e Prause (2013) colocaram-se 44 casais a ver filmes eróticos, excitantes (não eróticos) ou filmes de natureza, tanto individual como conjuntamente. Participantes que visualizaram os filmes eróticos relataram excitação e aumento do desejo. Contudo, descreveram também efeitos negativos desta visualização, nomeadamente raiva, medo, desprezo e repugnância. Tal dicotomia é também ilustrada nas opiniões que as pessoas têm acerca dos benefícios e custos de usarem pornografia. No seu estudo, Kohut et al. (2016) verificou que as pessoas indicam mais frequentemente efeitos positivos para a sua relação (e.g., comunicação sexual, conforto sexual), comparativamente aos efeitos negativos (e.g., expectativas irrealistas, diminuição do interesse sexual). Um estudo recente de Kohut et al. (2021) revelou um detalhe interessante. Ainda que a visualização solitária de pornografia por uma das pessoas se tenha associado a menor qualidade da relação e menor satisfação sexual, tal só se verificou quando um dos membros do casal visualiza pornografia solitária e isoladamente. Pelo contrário, quando ambas as pessoas do casal visualizam pornografia (separadamente ou em conjunto), tais associações negativas desapareceram ou tornaram-se positivas. Perante estas evidências, existem diversas condicionantes que alteram o papel da visualização da pornografia, uma vez que os efeitos da mesma podem ser benéficos ou

prejudiciais, tendo em conta a frequência, finalidade da visualização e forma de consumo (i.e., com ou sem a presença dx parceirx).

### **Pornografia e Comportamentos Extradiádicos**

Estudos têm demonstrado que a visualização de pornografia está associada a comportamentos sexuais, como o número de parceirxs sexuais e o envolvimento em sexo casual ou em grupo (Harkness et al., 2015; Peter & Valkenburg, 2016), mas também fantasia e inspiração para a relação (Rissel et al., 2016). Estudos prévios têm demonstrado que a visualização de pornografia pode estar associada à maior probabilidade de CE. Se a visualização de pornografia se associa a níveis reduzidos de compromisso e estes se associam a CE (Lambert et al., 2012), então é possível que a visualização repetida de pornografia aumente também a probabilidade de CE. De facto, no estudo de Lambert et al. (2012), com uma amostra de 367 pessoas num relacionamento heterossexual, verificou-se que a visualização de pornografia está associada a um compromisso mais enfraquecido na relação amorosa, sendo que, quanto menor este compromisso maior é a possibilidade de cometer CE. Os CE também são um construto amplo e com variadas definições, no entanto, existe algo em comum entre diferentes conceptualizações. De um modo geral, estes comportamentos podem ser de natureza emocional (CE emocionais) ou sexual (CE sexuais). Segundo Blow e Hartnett (2005), à medida que o compromisso diminui, a probabilidade perpetrar CE aumenta. Para grande parte das pessoas, há um consenso de que os CE são sobretudo sexuais, já outros tipos de comportamentos, como online, ou românticos, podem não ser considerados como CE (Thompson & O’Sullivan, 2015). Diferentes estudos têm operacionalizado os CE emocionais e CE sexuais de formas distintas. Assim, foi proposto que os CE sexuais são compreendidos como uma forma de traição, tanto por homens como por mulheres (Jankowiak et al., 2002). Segundo a distinção realizada por Guitar et al. (2017), tanto homens como mulheres consideram possível ocorrerem CE sexuais sem ocorrerem CE emocionais, podendo acontecer também o inverso (i.e., ocorrerem CE emocionais sem ocorrerem CE sexuais). Então, os CE sexuais, sem ocorrência de CE emocionais, podem ser definidos como a atividade sexual sem envolvimento de sentimentos. Já os CE emocionais ocorrem quando umx dxs parceirxs incrementa uma ligação emocional fora da sua relação principal (Carpenter, 2012).

O compromisso é como uma orientação para a manutenção da relação ao longo do tempo, sendo influenciado pelos sentimentos de ligação, a satisfação, a qualidade das alternativas e o tamanho do investimento na relação, estando assim associado a pressões que

influenciam a continuidade do relacionamento (Rodrigues & Lopes, 2015). Rusbult et al. (1998) sugeriu um modelo de investimento que o compromisso da relação é o resultado de quatro fatores: (1) tamanho do investimento, (2) qualidade das alternativas, (3) satisfação na relação e (4) compromisso na relação. No seu estudo, Gwinn et al. (2013) tentaram perceber se a exposição à pornografia de pessoas comprometidas aumentaria a probabilidade de CE. Os autores verificaram que visualizadores de pornografia relatam maior qualidade das alternativas. No mesmo estudo, também se percebeu que a visualização inicial de pornografia pode prever CE. Isto pode surgir pelo facto de as alternativas serem atraentes e estarem sexualmente disponíveis tal como ocorre com xs pessoas visualizadas na pornografia, mas também porque a pornografia pode sugerir que a ideia de ter diversos parceirxs sexuais seja bastante apelativa.

Há evidência de que cada um dos géneros está associado a um tipo de CE. CE emocionais são propensos a serem praticados por mulheres, enquanto os CE sexuais são propensos a serem praticados por homens (Guitar et al., 2017). No seu estudo, Barta e Kiene (2005) descreveram quatro fatores que podem predizer os CE – insatisfação, negligência, sexo e raiva. Para os autores, variáveis situacionais (e.g., existir oportunidade) não predizem unicamente a decisão de praticar CE. A insatisfação corresponde à falta de sentimentos positivos pelx parceirx, assim, este sentimento foi procurado noutra lugar através dos CE. A negligência refere-se a sentir-se mal tratadx pelx parceirx, criando um défice no relacionamento, por exemplo, falta de tempo juntos. Já o sexo corresponde a um interesse de maior frequência e variedade sexual do que aquela que é oferecida pelx parceirx. A raiva refere-se à vontade de penalizar x parceirx por algum erro que este tenha praticado. Assim, propomos que esta insatisfação pode levar a que as pessoas visualizem pornografia (i.e., terem uma maior discrepância no sentido da pornografia) como forma de combate aos CE. Da mesma forma, Rodrigues e Lopes (2017) referem que variáveis individuais (e.g., predisposição para sexo casual) não determinam, por si só, a incursão em CE. Assim, parece haver a necessidade de fatores relacionais (e.g., compromisso relacional reduzido) para que as pessoas decidam incorrer em CE. Propomos que a variedade sexual relacional possa ser uma destas variáveis. A atividade sexual em casal tende a monotonizar-se ao longo do tempo e o casal tende a perder a atração (Murray et al., 2014; Sims & Meana, 2010; Tunariu & Reavey, 2003, 2007). Esta monotonia pode despoletar sentimentos de insatisfação nos membros do casal, tendo consequências problemáticas, até mesmo a dissolução da relação (Morton & Gorzalka, 2014). A novidade sexual surge como forma de combate ao aborrecimento sexual, acabando por

proporcionar uma maior qualidade relacional. Desta forma, a introdução de novas atividades sexuais na díade ajuda a promover o desejo sexual (Matthews et al., 2018).

Estudos têm mostrado que existe uma redução da excitação sexual dos estímulos sexuais familiares (Both et al., 2011; Lalumière & Quinsey, 1998). Esta redução do desejo e excitação sexual com x parceirx amorosx pode despoletar desejo de envolvimento com outras pessoas (Morton & Gorzalka, 2015). O estudo de Forste e Tanfer (1996) mostrou que pessoas com relações duradouras costumam relatar menor níveis de novidade sexual e por isso têm maior probabilidade de realizar CE. Desta forma, é possível que pessoas que se encontrem em relacionamentos possam praticar CE, devido a falta de satisfação sexual ou novidade sexual. Na investigação de Matthews et al. (2018), os autores perceberam que as pessoas com uma maior novidade sexual tendem a reportar maior qualidade relacional, bem como a satisfação sexual mais elevada. Segundo Grov et al. (2011), a visualização de pornografia em conjunto pelo casal leva a um aumento significativo da frequência de relações sexuais, estando disponíveis para experienciar novidade sexual, diminuindo o aborrecimento sexual. O estudo de Daneback et al. (2009) averiguou se a visualização de pornografia poderia melhorar a vida sexual de um casal, chegando mesmo a mencionar que parceirxs que visualizam pornografia conjuntamente têm uma maior facilidade em propor as suas fantasias de desejos sexuais com x parceirx. Assim estes autores sugerem que casais que visualizam pornografia, apresentam um clima erótico mais permissivo, comparativamente a casais que não visualizam pornografia. Posto isto, sugerimos que a diferença dos conteúdos pornográficos visualizados e as atividades sexuais podem ter que ver com as frustrações nas necessidades sexuais, ou seja, quanto maior discrepância no sentido da pornografia, menor a novidade sexual, e por sua vez, menor a qualidade da relação e maior o desejo de CE.

A visualização de pornografia pode estar associada a uma menor satisfação relacional, bem como a uma menor satisfação sexual. Num estudo desenvolvido por Strizzi et al. (2016), a satisfação sexual foi definida como a avaliação subjetiva da perceção que a pessoa tem sobre a qualidade dos diversos aspetos das suas relações sexuais. Muitos casais relatam que a sua atividade sexual é insatisfatória, ou mesmo fonte de angústia (Byers, 2005; Dunn et al., 2000; Jasso, 1985; Klusmann, 2002). Estes casais relatam que a discrepância do desejo sexual, ou seja, a diferença entre o seu desejo e o desejo da outra pessoa, é uma das principais razões de insatisfação sexual e, conseqüentemente, da menor qualidade da relação (Davies et al., 1999; Mark, 2015). Esta discrepância tem sido verificada como um dos motivos para a prática de CE emocionais ou CE sexuais (Dewitte et al., 2020; Kleinplatz et al., 2017; McCarthy & Oppliger,

2019; McCarthy & Ross, 2018). Outros estudos sugeriram que a pornografia online, principalmente aquela que é visualizada por ambos os membros do casal pode ser benéfica para a satisfação sexual. Para as pessoas que se encontram num relacionamento, a visualização de pornografia em casal pode estar associada a benefícios pessoais e relacionais, uma vez que reportam maior dedicação e satisfação sexual do que pessoas que vêm pornografia isoladamente (Maddox et al., 2011; Rodrigues et al., 2020). Assim, duas pessoas que constroem um significado coletivo da sua vida sexual que permite a troca de preferências e desgostos, necessidades e desejos sexuais dá a ideia de um maior equilíbrio entre necessidades e comportamentos sexuais o que pode levar a maior satisfação sexual (Hess & Coffelt, 2012; MacNeil & Byers, 2005).

### **Diferenças de Género**

A investigação tem demonstrado algumas diferenças de género nos padrões de uso de pornografia e nos correlatos dos mesmos. A mesma sugere que os homens visualizam significativamente mais pornografia, sendo esta visualizada de forma isolada, enquanto as mulheres apesar de visualizarem menos, tendem a ver mais pornografia com x parceirx amorosx ou isoladamente (mas quando ambos o fazem; Maddox et al., 2011; Morgan, 2011). Segundo Bridges e Morokoff (2011), os homens tendem a visualizar pornografia para obterem prazer e satisfação sexual pela masturbação solitária e isolada, enquanto as mulheres tendem a visualizar pornografia como uma ferramenta para melhorar a relação sexual, mesmo quando a visualização é isolada. Assim, Bridges et al. (2003) verificaram que mulheres cujxs parceirxs visualizam pornografia com regularidade sentiam esta visualização como uma ameaça à estabilidade da relação e chegaram mesmo a caracterizar xs parceirxs mais negativamente.

No estudo de Poulsen et al. (2013), percebeu-se que um dos possíveis fatores explicativos desta relação entre as variáveis é a qualidade sexual das mulheres, uma vez que estas aprendem com a visualização da pornografia, melhorando a sua performance sexual. Isto explica as possíveis mudanças que ocorrem no comportamento sexual derivado da visualização da pornografia, uma vez que tem um impacto significativo na qualidade da relação amorosa. Por sua vez, a pornografia quando visualizada pelo homem está associada a menor qualidade da relação e satisfação sexual, independentemente das atitudes face à pornografia. O uso de pornografia por homens pode revelar que o casal experiencia alguns problemas na relação, a nível sexual ou geral. Já a visualização de pornografia por mulheres pode ocorrer em conjunto com x parceirx, podendo beneficiar o relacionamento sexual, mas não necessariamente o relacionamento geral. Neste estudo, percebemos que o facto de a mulher utilizar pornografia

está associado a uma melhoria na satisfação sexual de ambos os membros do casal (Poulsen et al., 2013).

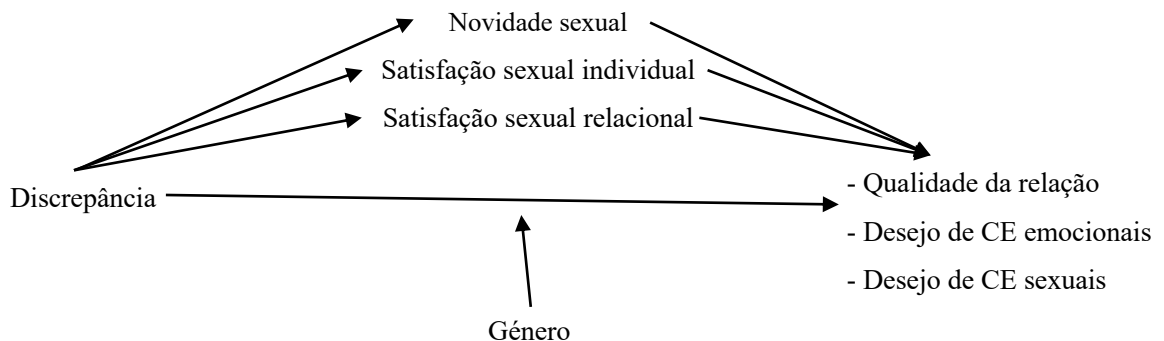
### Presente Estudo e Hipóteses

Este estudo pretende compreender em que medida a discrepância entre as atividades sexuais numa relação amorosa e os conteúdos pornográficos visualizados se associa à qualidade da relação e ao desejo de CE. A discrepância no sentido da pornografia (vs. relação) refere-se à visualização mais (vs. menos) frequente de atividades em pornografia comparativamente às que são feitas em contexto relacional. A discrepância nula refere-se à congruência entre a frequência de visualização de pornografia e de comportamentos sexuais na relação.

Argumentamos que a discrepância no sentido da pornografia pode estar associada a consequências relacionais e sexuais negativas, uma vez que a pessoa pode estar a reprimir pensamentos e sentimentos (Butler et al., 2003; Montesi et al., 2013). Concretamente, esperamos que maior discrepância no sentido da pornografia estará associada a menor a qualidade da relação (H1), a maior desejo de CE sexuais (H2) e a maior desejo de CE emocionais (H3). Esperamos que estas associações sejam, pelo menos em parte, explicadas pela menor novidade sexual (H4) e pela menor satisfação sexual (H5). No seguimento de evidência prévia (Bridges et al., 2003; Bridges & Morokoff, 2011; Poulsen et al., 2013), iremos explorar se estas associações diferem entre homens e mulheres. A Figura 1 representa graficamente o modelo teórico a ser testado.

**Figura 1**

*Modelo teórico a ser proposto no presente estudo*



## Método

### Desenho de Investigação

O desenho de investigação deste estudo foi descritivo correlacional, com corte transversal e seguiu uma abordagem quantitativa. No que diz respeito ao recrutamento da amostra, esta foi não-probabilística por conveniência, sendo o questionário realizado através de *survey online* (plataforma *Qualtrics*).

### Participantes

Um cálculo do tamanho da amostra com recurso ao G\*Power (Faul et al., 2009) indicou que uma amostra de 348 pessoas seria necessária para uma regressão linear com quatro preditores com uma baixa magnitude de efeito ( $f^2 = .05$ ) e 95% de poder de teste. A esta dimensão da amostra adicionámos 15% para compensar participantes que fossem removidos devido aos critérios de inclusão/exclusão na amostra elegível. Como tal, precisaríamos de, pelo menos, 400 participantes. Um total de 1,748 pessoas iniciou o questionário online, das quais 13 não deram consentimento para participarem, 155 indicaram ter menos de 18 anos, 300 não estavam numa relação significativa, sete ainda não tinham iniciado a sua atividade sexual e 220 referiram não ver pornografia online, pelo que foram retiradas da amostra. Dados os objetivos do presente estudo, foram ainda retiradas cinco pessoas que se identificaram como não-binárias ou intersexo. Para efeitos de qualidade dos dados, foram adicionalmente removidas 315 pessoas com mais de 25% de respostas omissas às nossas variáveis.

A amostra final incluiu 733 participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 61 anos ( $M = 27.05^2$ ,  $SD = 7.22$ ). A Tabela 1 sumariza as características demográficas da nossa amostra, bem como a comparação entre homens e mulheres. De um modo geral, a nossa amostra foi composta por mulheres (67.9%), heterossexuais (87.6%) e sem vínculo legal na sua relação (72.6%). Além disso, a amostra foi maioritariamente composta por pessoas residentes em Portugal (93.7%), em zonas metropolitanas (48.6%), com licenciatura (37.4%) e a trabalhar (54.4%). Foram encontradas diferenças de género em algumas características demográficas, havendo uma maior proporção de homens heterossexuais,  $p = .003$ , graduados,  $p = .008$ , e empregados,  $p < .001$ .

---

<sup>2</sup> Para facilitar a leitura, este documento segue o sistema métrico americano.

**Tabela 1***Informação demográfica de acordo com o género*

|                              | Amostra<br>total<br><i>n</i> = 733 | Homens<br>( <i>n</i> = 235)<br><i>n</i> (%) | Mulheres<br>( <i>n</i> = 498)<br><i>n</i> (%) | $\chi^2$               | V de Cramer       |
|------------------------------|------------------------------------|---|---|------------------------|-------------------|
| Orientação sexual            |                                    |   |   | 21.88**                | 0.17              |
| Heterossexual                | 642                                | 221 (94.04) <sup>a</sup>                    | 421 (84.54) <sup>b</sup>                      |                        |                   |
| LGBT                         | 88                                 | 14 (5.96) <sup>a</sup>                      | 74 (14.86) <sup>b</sup>                       |                        |                   |
| Estado Civil                 |                                    |   |   | 25.67***               | 0.19              |
| Relação amorosa              | 532                                | 142 (60.43) <sup>a</sup>                    | 390 (78.31) <sup>b</sup>                      |                        |                   |
| Casamento/ União<br>de facto | 201                                | 93 (39.57) <sup>a</sup>                     | 108 (21.69) <sup>b</sup>                      |                        |                   |
| Nacionalidade                |                                    |   |   | 2.64                   | 0.06              |
| Portuguesa                   | 687                                | 213 (90.64)                                 | 474 (95.18)                                   |                        |                   |
| Outra (e.g.,<br>brasileira)  | 13                                 | 6 (2.55)                                    | 7 (1.41)                                      |                        |                   |
| Residência                   |                                    |   |   | 5.75                   | 0.09              |
| Urbana                       | 557                                | 179 (76.17)                                 | 378 (75.90)                                   |                        |                   |
| Não-urbana                   | 136                                | 37 (15.74)                                  | 99 (19.88)                                    |                        |                   |
| Educação                     |                                    |   |   | 17.247**               | 0.16              |
| Sem licenciatura             | 236                                | 90 (38.30) <sup>a</sup>                     | 146 (29.32) <sup>b</sup>                      |                        |                   |
| Com licenciatura             | 474                                | 134 (57.02) <sup>a</sup>                    | 340 (68.27) <sup>b</sup>                      |                        |                   |
| Ocupação                     |                                    |   |   | 54.02***               | 0.28              |
| Estudante                    | 284                                | 52 (22.13) <sup>a</sup>                     | 232 (46.59) <sup>b</sup>                      |                        |                   |
| Empregadx                    | 389                                | 166 (70.64) <sup>a</sup>                    | 223 (44.78) <sup>b</sup>                      |                        |                   |
| Desempregadx                 | 30                                 | 5 (2.13) <sup>a</sup>                       | 24 (4.82) <sup>a</sup>                        |                        |                   |
| Religião                     |                                    |   |   | 0.11                   | 0.12              |
| Sem religião                 | 259                                | 146 (62.13)                                 | 309 (62.05)                                   |                        |                   |
| Com religião                 | 455                                | 80 (34.04)                                  | 179 (35.94)                                   |                        |                   |
|                              |                                    | <i>M</i> ( <i>DP</i> )                      | <i>M</i> ( <i>DP</i> )                        | <i>t</i> ( <i>gl</i> ) | <i>d</i> de Cohen |
| Idade                        |                                    | 30.09 (7.81)                                | 25.62 (6.45)                                  | 8.17***(731)           | 0.65              |

\*\*  $p < .010$ ; \*\*\*  $p < .001$ 

*Nota.* Diferentes letras (<sup>a</sup>, <sup>b</sup>) nas colunas de comparações de grupo indicam diferenças de grupo com correção Bonferroni,  $p \leq .050$

## **Medidas**

### *Informação Sociodemográfica*

Pedimos às pessoas para nos indicarem a sua idade em anos (resposta aberta), estado civil (*Solteirx; Encontros casuais; Relação amorosa ou significativa; Casamento ou união de facto; outra, por favor especifique*) género (*Masculino; Feminino; Intersexo*) e orientação sexual (*Heterossexual; Lésbica/Gay; Bissexual; Queer; Assexual; Pansexual; Outra*). Foi também pedido que indicassem a sua nacionalidade (*Portuguesa; Outra*) onde residiam (*Zona metropolitana; Zona semiurbana/cidade pequena; Vila ou zona rural; Outra*), o mais alto nível de educação alcançado (*Escola primária ou Ensino básico; Ensino secundário; Licenciatura; Mestrado; Doutoramento; Outro*), se eram religiosxs (*Não; Sim*) e a sua ocupação (*Estudante e não trabalha; Estudante e trabalha; Trabalha; Pai/Mãe que fica em casa; Desempregadx; Reformadx; Outro*).

### *Discrepância entre Pornografia e Atividade Sexual*

Devido à inexistência de medidas específicas, desenvolvemos um indicador de discrepância entre a frequência de visualização de conteúdos de pornografia online e a frequência com que essas mesmas atividades são realizadas na relação sexual. Numa primeira fase, reunimos as categorias de pornografia utilizadas por Hald e Štulhofer (2015) e seleccionámos as 10 categorias com valores mais elevados para homens e mulheres (para listagem completa, ver Anexo 1). Pedimos às pessoas para indicarem com que frequência visualizam cada tipo de pornografia (“Pensando no seu comportamento típico, com que frequência visualiza cada uma das seguintes categorias de pornografia?”) e com que frequência fazem estes comportamentos (“Pensando no seu comportamento típico, com que frequência faz cada um dos seguintes comportamentos na sua atividade sexual?”). Todos os itens foram respondidos em escalas de cinco pontos (1 = *Nunca* a 5 = *Sempre*). Foram calculados os valores médios de resposta a cada item e em seguida o cálculo do indicador de discrepância. Para tal, foram subtraídos os valores médios da frequência de realização aos valores médios da frequência de visualização, sendo que valores mais elevados indicam uma maior discrepância no sentido da pornografia (i.e., visualizam mais comportamentos do que aqueles que têm na relação), enquanto valores mais reduzidos indicam uma maior discrepância no sentido da relação (i.e., fazem mais comportamentos do que aqueles que visualizam na pornografia). Valores iguais a zero indicam uma congruência entre a frequência de visualização e a frequência

de atividades relacionais. Para este instrumento não foi calculada a consistência interna por não se tratar de uma escala, mas de um indicador.

#### *Novidade Sexual*

Foi utilizada a Sexual Novelty Scale (Matthews et al., 2020), composta por cinco itens que avaliam em que medida as pessoas numa relação procuram novidade ou seguem uma rotina com os seus comportamentos sexuais (e.g., “Eu e o/a meu/minha parceiro/a tentamos coisas novas na cama”; 1 = *Discordo totalmente* a 7 = *Concordo totalmente*). Os itens foram recodificados e agregados num valor médio ( $\alpha = .83$ ;  $\alpha = .94$  e  $\alpha = .91$  nas duas amostras do estudo original) sendo que valores mais elevados indicam maior propensão para novidade sexual.

#### *Satisfação Sexual*

Foi utilizada a versão reduzida da New Sexual Satisfaction Scale (Štulhofer et al., 2010; versão portuguesa de Pechorro et al., 2016), composta por 12 itens que medem a satisfação sexual centrada na própria pessoa (seis itens,  $\alpha = .87$  para o presente estudo;  $\alpha = .92$  no estudo com amostra portuguesa; e.g., “A forma como eu reajo sexualmente x mx parceirx”) e centrada na atividade sexual (seis itens,  $\alpha = .90$  para o presente estudo;  $\alpha = .89$  no estudo com amostra portuguesa; e.g., “O equilíbrio entre o que eu dou e o que eu recebo durante o sexo”). As respostas a cada item foram dadas em escalas de cinco pontos (1 = *Nada satisfeix* a 5 = *Totalmente satisfeix*). Foram calculados os valores médios de cada subescala, sendo que valores mais elevados indicam maior satisfação sexual individual e relacional.

#### *Desejo de Comportamentos Extradiádicos*

Pedimos às pessoas para nos indicarem em que medida desejariam ter relações extradiádicas de carácter emocional ou sexual. Aplicámos dois para os CE emocionais (“Em que medida teria uma relação emocional [virtual ou fisicamente] com outra pessoa, sem que x sx parceirx aceitasse tal comportamento?”) e sexuais (“Em que medida teria uma relação física [virtual ou fisicamente] com outra pessoa, sem que x sx parceirx aceitasse tal comportamento?”). Os itens foram respondidos em escalas de quatro pontos (1 = *Nunca* a 4 = *Definitivamente*). Foram então calculados os valores médios, sendo que valores mais elevados indicam um maior desejo em ter CE emocionais,  $r = .69, p < .001$ , ou sexuais,  $r = .67, p < .001$ .

## *Qualidade da Relação*

Utilizámos a versão reduzida da Escala do Modelo do Investimento (Rodrigues & Lopes, 2013; versão original de Rusbult et al., 1998). Esta escala é composta por 13 itens e acede à satisfação na relação (três itens,  $\alpha = .92$  para este estudo;  $\alpha = .91$  para a amostra portuguesa; e.g., “Sinto-me satisfeito com o meu relacionamento”), percepção de qualidade de alternativas (três itens,  $\alpha = .75$  para este estudo;  $\alpha = .85$  para a amostra portuguesa; e.g., “As alternativas ao meu relacionamento são atraentes para mim [encontros românticos com outra pessoa, passar tempo com amigos, estar sozinho, etc.]”), investimentos na relação (três itens,  $\alpha = .76$  para este estudo;  $\alpha = .82$  para a amostra portuguesa; e.g., “Sinto-me muito envolvido no meu relacionamento, uma vez que fiz grandes investimentos nele”) e compromisso na relação (quatro itens,  $\alpha = .92$  para este estudo;  $\alpha = .88$  para a amostra portuguesa; e.g., “Estou motivado para que o meu relacionamento tenha um futuro a longo termo [por exemplo, imagino estar com o meu parceiro daqui a vários anos]”). As respostas aos itens foram reportadas em escalas de sete pontos (1 = *Discordo totalmente* a 7 = *Concordo totalmente*). Posteriormente foi calculado o valor médio global ( $\alpha = .85$ ), sendo que valores mais elevados indicam maior qualidade da relação.

## **Procedimentos**

Todo o procedimento e medidas foram previamente aprovados pela Comissão de Ética do Ispa (Anexo 4). A recolha de dados decorreu durante o mês de Dezembro de 2021. O recrutamento de participantes foi feito através da partilha do link para um estudo online através de redes sociais (*Instagram* e *Facebook*) e os dados recolhidos através da plataforma *Qualtrics*. Para participarem no estudo as pessoas tinham de ter idade igual ou superior a 18 anos, estar numa relação amorosa significativa, e ter visualizado intencionalmente pornografia online sozinhas ou com o parceiro. Após acederem ao questionário, as pessoas tiveram acesso ao consentimento informado (que garantia a voluntariedade, anonimato e confidencialidade da participação) e ao objetivo principal do estudo. Após consentirem a sua participação, as pessoas responderam às questões (ver acima), demorando em média 16 minutos. No final, foi apresentada informação mais detalhada acerca do estudo, bem como os contactos de linhas de apoio (e.g., Linha de Acompanhamento Psicológico da Saúde24, Sexualidade em Linha) e da investigadora responsável, caso as pessoas sentissem necessidade de falar acerca de alguma questão. Devido à natureza sensível do estudo, nenhuma das questões era obrigatória, podendo as pessoas decidir não responder e prosseguir com a sua participação.

## **Plano de Análise**

Todas as análises estatísticas foram feitas com recurso ao programa *SPSS Statistics* (versão 27). Primeiramente, são apresentadas as estatísticas descritivas das variáveis, bem como as correlações globais. Utilizando a macro PROCESS 4.0 (Hayes, 2017), testámos as nossas hipóteses de mediação moderada (Modelo 59). Concretamente, foram feitas três análises com 10,000 amostras de *bootstrap*, em que o indicador de discrepância era a variável preditora, a novidade sexual, a satisfação sexual individual e a satisfação sexual relacional foram as mediadoras em paralelo, e o género foi a variável moderadora (1 = *homens*, 2 = *mulheres*). No primeiro modelo analisámos a qualidade da relação, no segundo modelo analisámos o desejo de CE emocionais e no terceiro modelo analisámos o desejo de CE sexuais.

## **Resultados**

### **Análise Descritiva**

As estatísticas descritivas e correlações entre as variáveis em estudo encontram-se reportadas na Tabela 2. Todas as variáveis correlacionaram-se significativamente entre si, todos  $p \leq .010$ . Concretamente, a discrepância no sentido da pornografia e os desejos de CE, tanto emocionais como sexuais, correlacionaram-se positivamente, ambos  $p < .001$ . Pelo contrário, a discrepância no sentido da pornografia correlacionou-se negativamente com a qualidade da relação,  $p < .001$ , a novidade sexual,  $p < .001$ , a satisfação sexual individual,  $p < .006$ , e a satisfação sexual relacional,  $p < .001$ . A qualidade da relação também se correlacionou negativamente com o desejo de CE, tanto emocionais,  $p < .001$ , como sexuais,  $p < .001$ . O desejo de CE, tanto emocionais como sexuais, correlacionaram-se negativamente com a novidade sexual,  $p < .001$ , a satisfação sexual individual,  $p < .001$ , e a satisfação sexual relacional,  $p < .001$ .

**Tabela 2***Medidas Descritivas, Correlações entre Variáveis*

|                                 | <i>M</i> ( <i>DP</i> ) | Sk    | Ku    | Correlações |         |         |         |        |        |   |  |
|---------------------------------|------------------------|-------|-------|-------------|---------|---------|---------|--------|--------|---|--|
|                                 |                        |       |       | 1           | 2       | 3       | 4       | 5      | 6      | 7 |  |
| 1. Discrepância                 | 0.10 (0.57)            | 0.30  | 0.23  | -           |         |         |         |        |        |   |  |
| 2. Qualidade da relação         | 5.35 (0.83)            | -0.76 | 0.68  | -.16***     | -       |         |         |        |        |   |  |
| 3. Desejo de CE emocionais      | 1.43 (0.64)            | 1.53  | 1.81  | .15***      | -.42*** | -       |         |        |        |   |  |
| 4. Desejo de CE sexuais         | 1.41 (0.65)            | 1.54  | 1.45  | .27***      | -.42*** | .67***  | -       |        |        |   |  |
| 5. Novidade sexual              | 4.64 (1.32)            | -0.43 | -0.30 | -.21***     | .27***  | -.14*** | -.18*** | -      |        |   |  |
| 6. Satisfação sexual individual | 3.83 (0.76)            | -0.45 | -0.32 | -.10**      | .33***  | -.18*** | -.16*** | .51*** | -      |   |  |
| 7. Satisfação sexual relacional | 3.62 (0.89)            | -0.52 | -0.11 | -.26***     | .37***  | -.25*** | -.32*** | .66*** | .69*** | - |  |

\*\*  $p < .010$ ; \*\*\*  $p < .001$ 

Nota. EP erro padrão; S Assimetria; KS Curtose

**Análise das Mediações Moderadas**

Os resultados dos modelos de mediação moderada estão resumidos na Tabela 3. Contrariamente ao esperado, a discrepância no sentido da pornografia não se associou à qualidade da relação,  $p = .064$ . Ao invés, e tal como esperado, maior discrepância no sentido da pornografia associou-se a maior desejo de CE emocionais,  $p = .040$ , e sexuais,  $p < .001$ . Verificámos também que a discrepância no sentido da pornografia associou-se a menor novidade sexual,  $p < .001$ , menor satisfação sexual individual,  $p = .002$ , e menor satisfação sexual relacional,  $p < .001$ . Por sua vez, a menor satisfação sexual individual associou-se a menor qualidade da relação,  $p = .004$ . A menor satisfação sexual relacional associou-se também a menor qualidade da relação,  $p < .001$ , bem como a maior desejo de CE emocionais,  $p = .004$ , e de CE sexuais,  $p < .001$ .

Verificámos também que mulheres indicaram maior satisfação sexual relacional ( $M = 3.78$ ,  $DP = 0.81$ ) que homens ( $M = 3.27$ ,  $DP = 0.94$ ),  $p < .001$ , enquanto o inverso foi verificado para o desejo de CE emocionais ( $M_{\text{homens}} = 1.59$ ,  $DP = 0.046$  vs.  $M_{\text{mulheres}} = 1.36$ ,  $DP = 0.03$ ),  $p = .140$  e de CE sexuais ( $M_{\text{homens}} = 1.73$ ,  $DP = 0.05$  vs.  $M_{\text{mulheres}} = 1.25$ ,  $DP = 0.02$ ),  $p < .001$ . Os resultados mostraram também que a relação entre discrepância para a pornografia e a qualidade da relação foi moderada pelo género,  $p = .032$ , sendo apenas significativa para os homens,  $p = .007$  (Imagem 1). A associação entre discrepância para a pornografia e a satisfação sexual

relacional foi também moderada pelo género,  $p < .001$ , sendo significativa tanto para homens como para mulheres e com maior magnitude nos homens, ambos  $p < .001$  (Imagem 2). Por fim, verificámos uma moderação pelo género entre satisfação sexual individual e o desejo de CE emocionais,  $p = .017$ , e CE sexuais,  $p = .003$ , sendo apenas significativa para os homens,  $p_{CE\ emocionais} = .004$  e,  $p_{CE\ sexuais} = .007$  (Imagem 3). Os caminhos indiretos revelam que a mediação através da satisfação sexual individual ocorreu para os homens no desejo de CE emocionais e CE sexuais, não tendo ocorrido para as mulheres. Nenhum caminho indireto através da novidade sexual nem da satisfação sexual individual foi significativo.

**Tabela 3**

*Modelos de Mediação Moderada*

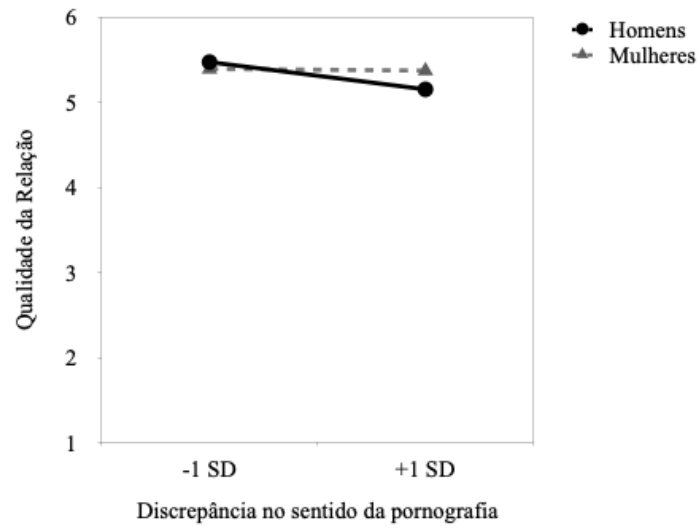
|                                   | M1               |           | M2       |           | M3       |           | Qualidade da relação<br>(Y1) |           | Desejo de CE<br>emocionais (Y2) |           | Desejo de CE sexuais<br>(Y3) |           |
|-----------------------------------|------------------|-----------|----------|-----------|----------|-----------|------------------------------|-----------|---------------------------------|-----------|------------------------------|-----------|
|                                   | <i>b</i>         | <i>EP</i> | <i>b</i> | <i>EP</i> | <i>b</i> | <i>EP</i> | <i>b</i>                     | <i>EP</i> | <i>b</i>                        | <i>EP</i> | <i>b</i>                     | <i>EP</i> |
|                                   | Discrepância (X) | -0.44***  | .09      | -0.17**   | .05      | -0.31***  | .06                          | -0.10     | .05                             | 0.09*     | .04                          | 0.16***   |
| Novidade sexual (M1)              | -                | -         | -        | -         | -        | -         | 0.01                         | .03       | 0.03                            | .02       | 0.02                         | .02       |
| Satisfação sexual individual (M2) | -                | -         | -        | -         | -        | -         | 0.16**                       | .06       | -0.07                           | .05       | -0.01                        | .43       |
| Satisfação sexual relacional (M3) | -                | -         | -        | -         | -        | -         | 0.24***                      | .06       | -0.14**                         | .05       | -0.17***                     | .04       |
| Gênero(W)                         | 0.12             | .12       | -0.10    | .07       | 0.32***  | .07       | 0.07                         | .07       | -0.14*                          | .06       | -0.33***                     | .06       |
| X x W                             | 0.37             | .20       | 0.07     | .12       | 0.43***  | .13       | 0.26*                        | .12       | -0.14                           | .10       | -0.16                        | .10       |
| <i>Homens</i>                     | -                | -         | -        | -         | -0.61*** | .11       | -0.28**                      | .10       | -                               | -         | -                            | -         |
| <i>Mulheres</i>                   | -                | -         | -        | -         | -0.18*   | .07       | -0.02                        | .06       | -                               | -         | -                            | -         |
| M1 x W                            | -                | -         | -        | -         | -        | -         | 0.04                         | .06       | 0.02                            | .05       | -0.02                        | .05       |
| M2 x W                            | -                | -         | -        | -         | -        | -         | -0.06                        | .12       | 0.23*                           | .10       | 0.28**                       | .09       |
| <i>Homens</i>                     | -                | -         | -        | -         | -        | -         | -                            | -         | -0.23**                         | .08       | -0.20**                      | .07       |
| <i>Mulheres</i>                   | -                | -         | -        | -         | -        | -         | -                            | -         | 0.00                            | .06       | 0.08                         | .05       |
| M3 x W                            | -                | -         | -        | -         | -        | -         | 0.10                         | .11       | -0.15                           | .09       | -0.08                        | .09       |

\*  $p < .050$ ; \*\*  $p < .010$ ; \*\*\* $p < .001$

*Nota.* *b* Coeficiente de regressão não-padronizado, *EP* erro padrão

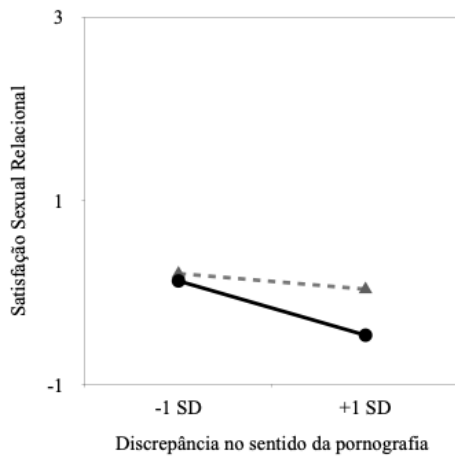
### Imagem 1

*Discrepância no sentido da pornografia e qualidade da relação, em função do gênero*



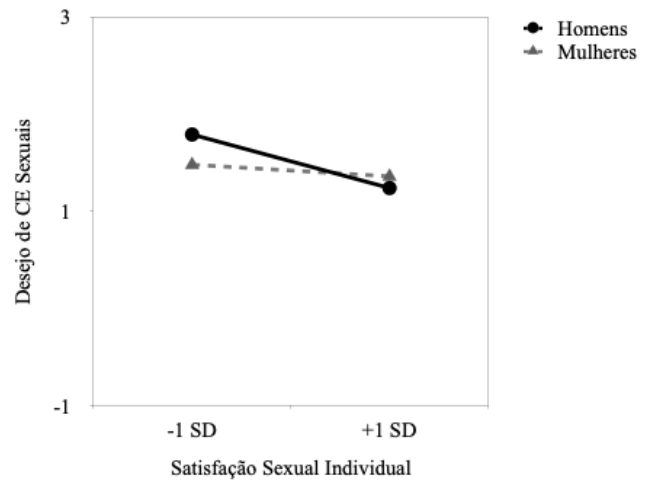
### Imagem 2

*Discrepância no sentido da pornografia e Satisfação Sexual Relacional, em função do Gênero*



### Imagem 3

*Satisfação Sexual Individual e Desejo de CE Sexuais, em função do Gênero*



## Discussão

Este trabalho teve como principal objetivo analisar em que medida a maior discrepância no sentido da pornografia (vs. sentido da relação) se associa à qualidade da relação e ao desejo por CE emocionais e CE sexuais. Neste sentido, foi conduzido um estudo descritivo correlacional onde se considerou a discrepância no sentido da pornografia a visualização frequente de atividades sexuais na pornografia que não são postas em prática na relação sexual em casal.

No que diz respeito à relação entre a pornografia e a qualidade da relação, as evidências têm sido díspares. Isto acontece porque a frequência e a forma de visualização de pornografia no contexto da relação (i.e., solitariamente, independente ou em conjunto), bem como o gênero da pessoa que a visualiza pode influenciar os correlatos a serem positivos ou negativos, tanto a nível individual como conjugal (Kohut et al., 2021). Há evidências de que a visualização de pornografia de forma isolada pode estar associada a efeitos benéficos na qualidade da relação (Dwulit & Rzymiski, 2019), podendo servir como ferramenta de obtenção de prazer sexual para se ligar ax parecirx quando as interações sociais estão condicionadas (Rodrigues, 2021). A nível relacional, a visualização de pornografia isoladamente por apenas uma das pessoas da relação tem sido reportada como negativa, no entanto, se for visualizada com x parceirx a associação entre a visualização de pornografia e a qualidade da relação passa a ser positiva (Maddox et al., 2011). Diversos estudos têm demonstrado que visualizadorxs de pornografia mais frequentes tendem a relatar níveis mais reduzidos de qualidade da relação (e.g., Harper & Hodgins, 2016; Minarcik et al., 2016). Contrariamente ao esperado, os resultados deste estudo indicaram que a discrepância e a qualidade da relação não se encontram associadas (Hipótese 1). Esta ausência de suporte para a hipótese proposta, pode ter que ver com o facto de as pessoas poderem não se aperceber da forma como a discrepância entre comportamentos visualizados e postos em prática podem influenciar diretamente a qualidade da relação, já que a pornografia é um comportamento maioritariamente sexual.

Diversos estudos têm indicado que o número de parceiros sexuais e o envolvimento sem sexo casual ou em grupo podem estar associados à visualização de pornografia (e.g., Harkness et al., 2015; Peter & Valkenburg, 2016). A pornografia têm-se mostrado associada à prática de CE devido aos níveis mais reduzidos de compromisso (Lambert et al., 2012). Por exemplo, Gwinn et al. (2013), perceberam que a visualização inicial de pornografia está associada a CE. No entanto, também há evidência de que a pornografia quando é visualizada

conjuntamente com o parceiro pode servir como fator protetor contra CE (Rodrigues et al., 2020). Os nossos resultados mostraram que uma maior discrepância no sentido da pornografia se associa positivamente ao desejo de CE tanto emocionais como sexuais (Hipóteses 3 e 4). No que diz respeito aos CE emocionais, esta associação positiva pode advir do facto de que a pessoa, ao sentir frustração por não colocar em prática os seus desejos e fantasias, procura conforto afetivo noutras pessoas fora da relação. Quanto aos CE sexuais, esta associação pode, possivelmente, ser explicada pelo facto de que a pornografia pode tornar apelativa a ideia de ter relações sexuais com diversos parceiros, mas também por outras pessoas poderem estar sexualmente mais disponíveis para colocar em prática os desejos e fantasias que não são possíveis praticar na relação.

Contrariamente ao esperado, a novidade sexual não foi um fator explicativo da relação da discrepância, tanto com a qualidade da relação como com o desejo de CE emocionais e CE sexuais (Hipótese 4). A literatura tem evidenciado que a novidade sexual é uma forma de combate ao aborrecimento sexual, o que acaba por proporcionar melhor qualidade da relação (Matthews et al., 2018) e também diminuir o desejo de CE, uma vez que a monotonia da atividade sexual tende a ser mais reduzida, e por isso, as consequências da mesma, como os CE, tendem a ser mais diminuídas (Morton & Gorzalka, 2014). Ainda assim, as pessoas que indicaram maior discrepância no sentido da pornografia reportaram também menor novidade sexual. Esta associação talvez possa ser explicada pelo facto de que a pessoa possa ter um elevado interesse pela variedade sexual (i.e., predispor de uma novidade sexual mais elevada), mas por esta não ser colmatada pelo seu parceiro, a pessoa procura preencher esta lacuna com a visualização de pornografia.

No que diz respeito à satisfação sexual, os nossos resultados foram, em parte, ao encontro do esperado (Hipótese 5). Verificámos que as pessoas com maior discrepância no sentido da pornografia reportaram sentir-se menos satisfeitas sexualmente consigo e com a relação. No entanto, a satisfação sexual relacional foi a única que se associou aos desejos de CE, tanto emocionais como sexuais (i.e., não houve associação significativa da satisfação sexual individual). Outros estudos têm chegado a conclusões semelhantes, uma vez que o consumo de pornografia parece estar associado a menor satisfação sexual e relacional (e.g., Bridges & Morokoff, 2011; Maddox et al., 2011). Esta associação pode ter que ver com a discrepância entre o desejo sexual da pessoa e do seu parceiro, uma vez que a discrepância entre desejos sexuais é uma das principais razões para as pessoas se sentirem menos satisfeitas

sexualmente (Mark, 2015), sendo a mesma considerada como um dos motivos para ter CE (Dewitte et al., 2020; McCarthy & Ross, 2018). Também constatámos que a satisfação sexual individual se mostrou positivamente associada à qualidade da relação, o que pode ser explicado pelo facto de a pessoa estar satisfeita consigo própria a nível sexual, acabando por se sentir melhor na relação.

Segundo a literatura, homens e mulheres mostram diferenças tanto no que diz respeito aos correlatos da pornografia como à prática de CE (Guitar et al., 2017; Maddox et al., 2011). Verificámos que a relação entre a discrepância no sentido da pornografia e a qualidade da relação foi moderada pelo género. No entanto, esta foi significativa apenas para os homens. O mesmo aconteceu com a moderação do género na associação entre a discrepância no sentido da pornografia e a satisfação sexual, tanto individual como relacional. Esperava-se que homens apresentassem menor qualidade da relação que as mulheres, isto porque, a visualização de pornografia por parte dos homens serve como ferramenta para obtenção de prazer sexual, diminuindo conseqüentemente a qualidade da relação, enquanto as mulheres tendem a visualizar com o intuito de melhorar a sua performance sexual, melhorando a qualidade da relação (Bridges & Morokoff, 2011). Verificamos ainda a moderação do género na associação entre discrepância no sentido da pornografia e CE emocionais e sexuais, também sendo apenas significativa para homens. Esta moderação significativa dos homens é curiosa, já que a visualização de pornografia é um comportamento essencialmente sexual e os homens estarem mais predispostos a praticar CE sexuais. Da mesma forma, era expectável que o mesmo se verificasse para as mulheres na associação com CE emocionais, uma vez que a mulher tende a praticar mais CE emocionais, podendo assim estar a recorrer a um elemento externo à relação como forma de obtenção e afeto para colmatar os seus desejos e fantasias sexuais que não são postos em prática na relação (Bridges & Morokoff, 2011; Guitar et al., 2017).

### **Limitações**

Uma limitação metodológica deste estudo, é o ser um estudo descritivo correlacional, o que não nos permite perceber se as pessoas que indicaram maior discrepância no sentido da pornografia colocaram ou não em prática CE e se existiu uma diminuição da qualidade da relação. Relacionada com os CE, este estudo apenas acedeu ao desejo das pessoas de terem CE e não aos comportamentos reais, sendo que esta limitação poderá ser colmatada em estudos futuros sendo questionado os comportamentos extradiádicos realmente praticados. Ainda como limitação ao estudo, temos algumas características da amostra. Este estudo teve uma

distribuição desequilibrada de géneros ( $n_{homens} = 32,1\%$ ;  $n_{mulheres} = 67,9\%$ ). Além disso, neste estudo não foi medida nem controlada a forma de visualização de pornografia (i.e., isolada, solitária ou conjunta), algo que teria sido pertinente, uma vez que não se sabe se as pessoas que visualizam mais do que fazem contam com xs parceirxs nesta visualização (i.e., visualização solitária vs. conjunta), ou se simplesmente têm um repertório sexual mais abrangente.

Como principal limitação deste estudo temos o termo *pornografia* que já é algo por si só complexo, uma vez que diferentes autores propõem diferentes terminologias e diferentes medidas para avaliar o mesmo construto (Kohut et al., 2019; Short et al., 2012), o que pode ter limitado a pesquisa de artigos científicos acerca do mesmo. Outra limitação subjacente à variável discrepância é as categorias dos conteúdos pornográficos selecionadas. Estas categorias podem ser limitativas, uma vez que não foram incluídas todas as categorias de pornografia existentes, para além de que eles podem ser cumulativos (Hald & Štulhofer, 2015; Lewczuk et al., 2020).

### **Implicações/ Sugestões para Estudos Futuros**

Para estudos futuros, sugere-se que se analise as possíveis diferenças entre pessoas que apenas visualizam pornografia online sozinhas (i.e., sem a presença dx parceirx), pessoas que visualizam pornografia conjuntamente (i.e., com a presença dx parceirx) e pessoas que tanto x próprix como x parceirx visualizem pornografia isoladamente, uma vez que pode haver diferenças dos correlatos da pornografia nas diferentes formas de visualização (e.g., Maddox et al., 2011). Outra sugestão para estudos que possam ser realizados futuramente é que seja questionado quanto à procura de profissionais que ajudem em dificuldades relacionas ou sexuais ou mesmo a existência de questões de funcionamento sexual e problemas sexuais do foro fisiológico, uma vez que a procura de apoio de profissionais para ultrapassar questões relacionais e sexuais pode influenciar as práticas do casal (Machette et al., 2021). Seria também pertinente examinar a comunicação de necessidades sexuais no casal e a frustração sexual, já que parece que a falha na comunicação das necessidades, desejos e fantasias sexuais pode levar a pessoa a ter comportamentos prejudiciais para a relação, como o elevado consumo de pornografia ou praticar CE como forma de diminuir as suas frustrações. De igual pertinência seria conduzir um estudo no sentido de perceber se existem diferenças nestas relações entre casais do mesmo género ou de géneros diferentes.

## **Conclusões**

Os correlatos da pornografia têm sido algo de uma intensa dedicação por parte da comunidade científica, têm sido analisados em diversas perspectivas, nomeadamente a frequência, o contexto (*i.e.*, conjuntamente com x parceirx ou de forma isolada), o género da pessoa que visualiza pornografia. Contudo, a discrepância entre as atividades visualizadas na pornografia e as atividades sexuais postas em prática na relação sexual não têm sido um foco de pesquisa no que diz respeito às interações diádicas, algo que pretendemos que tenha sido colmatado no presente estudo.

Os resultados desta investigação pretendem dar uma contribuição para perceber o papel da pornografia junto das pessoas que se encontram numa relação amorosa comprometida. Uma das conclusões retiradas deste estudo é de enorme relevância a nível científico, uma vez que se percebeu que a discrepância que existe entre os conteúdos pornográficos visualizados e as atividades sexuais se associa a pior qualidade da relação e maior desejo de CE. Esta relação talvez possa ser explicada pela frustração sexual sentida por não conseguir pôr em prática na relação sexual as fantasias e desejos, podendo então existir desejo de CE para colmatar essas falhas existentes na relação. Assim, a pornografia pode servir para colmatar algumas fantasias sexuais, mas também pode enaltecer as frustrações sexuais existentes na relação. Estas contribuições podem revelar-se de especial importância na prática clínica, já que mostrou que se existir um equilíbrio entre comportamentos sexuais da pornografia e aqueles que são postos em prática pode proteger a relação de práticas comportamentais destrutivas como os comportamentos extradiádicos e o da diminuição da qualidade da relação.

## Referências

- Barta, W. D., & Kiene, S. M. (2005). Motivations for infidelity in heterosexual dating couples: The roles of gender, personality differences, and sociosexual orientation. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(3), 339–360. <https://doi.org/10.1177/0265407505052440>
- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships I: A methodological review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 183–216. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2005.tb01555.x>
- Both, S., Laan, E., & Everaerd, W. (2011). Focusing «hot» or focusing «cool»: Attentional mechanisms in sexual arousal in men and women. *Journal of Sexual Medicine*, 8(1), 167–179. <https://doi.org/10.1111/j.1743-6109.2010.02051.x>
- Bóthe, B., Lonza, A., Štulhofer, A., & Demetrovics, Z. (2020). Symptoms of problematic pornography use in a sample of treatment considering and treatment non-considering men: A network approach. *Journal of Sexual Medicine*, 17(10), 2016–2028. <https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2020.05.030>
- Bóthe, B., Tóth-Király, I., Demetrovics, Z., & Orosz, G. (2017). The pervasive role of sex mindset: Beliefs about the malleability of sexual life is linked to higher levels of relationship satisfaction and sexual satisfaction and lower levels of problematic pornography use. *Personality and Individual Differences*, 117, 15–22. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.05.030>
- Bridges, A. J., Bergner, R. M., & Hesson-McInnis, M. (2003). Romantic partners' use of pornography: its significance for women. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 29(1), 1–14. <https://doi.org/https://doi.org/10.1080/713847097>
- Bridges, A. J., & Morokoff, P. J. (2011). Sexual media use and relational satisfaction in heterosexual couples. *Personal Relationships*, 18, 562–585. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2010.01328.x>
- Butler, E. A., Egloff, B., Wilhelm, F. H., Smith, N. C., Erickson, E. A., & Gross, J. J. (2003). The social consequences of expressive suppression. *Emotion*, 3(1), 48–67. <https://doi.org/10.1037/1528-3542.3.1.48>

- Byers, E. S. (2005). Relationship satisfaction and sexual satisfaction: A longitudinal study of individuals in long-term relationships. *Journal of Sex Research, 42*(2), 113–118. <https://doi.org/10.1080/00224490509552264>
- Carpenter, C. J. (2012). Meta-analyses of sex differences in responses to sexual versus emotional infidelity: Men and women are more similar than different. *Psychology of Women Quarterly, 36*(1), 25–37. <https://doi.org/10.1177/0361684311414537>
- Clements, M. L., Cordova, A. D., Markman, H. J., & Laurenceau, J.-P. (1997). The erosion of marital satisfaction over time and how to prevent it. Em R. J. Sternberg & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in close relationships* (pp. 335–355). The Guilford Press.
- Cooper, A. (1998). Sexuality and the Internet: Surfing into the New Millennium. *CyberPsychology & Behavior, 1*(2), 187–193. <https://doi.org/10.1089/cpb.1998.1.187>
- Cooper, A., Galbreath, N., & Becker, M. A. (2004). Sex on the internet: Furthering our understanding of men with online sexual problems. *Psychology of Addictive Behaviors, 18*(3), 223–230. <https://doi.org/10.1037/0893-164X.18.3.223>
- Cooper, A., Morahan-Martin, J., Mathy, R. M., & Maheu, M. (2002). Toward an increased understanding of user demographics in online sexual activities. *Journal of Sex and Marital Therapy, 28*(2), 105–129. <https://doi.org/10.1080/00926230252851861>
- Daneback, K., Træen, B., & Månsson, S. A. (2009). Use of pornography in a random sample of norwegian heterosexual couples. *Archives of Sexual Behavior, 38*(5), 746–753. <https://doi.org/10.1007/s10508-008-9314-4>
- Davies, S., Katz, J., & Jackson, J. L. (1999). Sexual desire discrepancies: Effects on sexual and relationship satisfaction in heterosexual dating couples. *Archives of Sexual Behavior, 28*(6), 553–567.
- de Alarcón, R., de la Iglesia, J. I., Casado, N. M., & Montejo, A. L. (2019). Online porn addiction: What we know and what we don't—a systematic review. *Journal of Clinical Medicine, 8*(1). <https://doi.org/10.3390/jcm8010091>
- DeSteno, D. A., & Salovey, P. (1996). Evolutionary origins of sex differences in jealousy? Questioning the «fitness» of the model. *Psychological Science, 7*(6), 367–372. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.1996.tb00391.x>

- Dewitte, M., Carvalho, J., Corona, G., Limoncin, E., Pascoal, P., Reisman, Y., & Stulhofer, A. (2020). Sexual desire discrepancy: A position statement of the European Society for Sexual Medicine. *Sexual Medicine*, 8(2), 121–131. <https://doi.org/10.1016/j.esxm.2020.02.008>
- Döring, N. M. (2009). The Internet's impact on sexuality: A critical review of 15 years of research. *Computers in Human Behavior*, 25(5), 1089–1101. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2009.04.003>
- Dunn, K. M., Croft, P. R., & Hackett, G. I. (2000). Satisfaction in the sex life of a general population sample. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 26(2), 141–151. <https://doi.org/10.1080/009262300278542>
- Dwulit, A. D., & Rzymiski, P. (2019). Prevalence, patterns and self-perceived effects of pornography consumption in Polish university students: A cross-sectional study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(19), 1861–1877. <https://doi.org/10.3390/ijerph16101861>
- Ford, J. J., Durtschi, J. A., & Franklin, D. L. (2012). Structural therapy with a couple battling pornography addiction. *American Journal of Family Therapy*, 40(4), 336–348. <https://doi.org/10.1080/01926187.2012.685003>
- Forste, R., & Tanfer, K. (1996). Sexual exclusivity among dating, cohabiting, and married women. *Journal of Marriage and Family*, 58(1), 33–47. <https://doi.org/10.2307/353375>
- Gola, M., Lewczuk, K., & Skorko, M. (2016). What matters: Quantity or quality of pornography use? Psychological and behavioral factors of seeking treatment for problematic pornography use. *Journal of Sexual Medicine*, 13(5), 815–824. <https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2016.02.169>
- Grov, C., Gillespie, B. J., Royce, T., & Lever, J. (2011). Perceived consequences of casual online sexual activities on heterosexual relationships: A U.S. online survey. *Archives of Sexual Behavior*, 40(2), 429–439. <https://doi.org/10.1007/s10508-010-9598-z>
- Guitar, A. E., Geher, G., Kruger, D. J., Garcia, J. R., Fisher, M. L., & Fitzgerald, C. J. (2017). Defining and Distinguishing Sexual and Emotional Infidelity. *Current Psychology*, 36(3), 434–446. <https://doi.org/10.1007/s12144-016-9432-4>

- Gwinn, A. M., Lambert, N. M., Fincham, F. D., & Maner, J. K. (2013). Pornography, relationship alternatives, and intimate extradyadic behavior. *Social Psychological and Personality Science*, 4(6), 699–704. <https://doi.org/10.1177/1948550613480821>
- Hald, G. M., & Malamuth, N. M. (2008). Self-perceived effects of pornography consumption. *Archives of Sexual Behavior*, 37(4), 614–625. <https://doi.org/10.1007/s10508-007-9212-1>
- Hald, G. M., & Štulhofer, A. (2015). What types of pornography do people use and do they cluster? Assessing types and categories of pornography consumption in a large-scale online sample. *Journal of Sex Research*, 53(7), 849–859. <https://doi.org/10.1080/00224499.2015.1065953>
- Harkness, E. L., Mullan, B. M., & Blaszczynski, A. (2015). Association between pornography use and sexual risk behaviors in adult consumers: A systematic review. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 18(2), 59–71. <https://doi.org/10.1089/cyber.2014.0343>
- Harper, C., & Hodgins, D. C. (2016). Examining correlates of problematic internet pornography use among university students. *Journal of Behavioral Addictions*, 5(2), 179–191. <https://doi.org/10.1556/2006.5.2016.022>
- Hassebrauck, M., & Aron, A. (2001). Prototype Matching in Close Relationships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 1111–1122.
- Hassebrauck, M., & Fehr, B. (2002). Dimensions of relationship quality. *Personal Relationships*, 9, 253–270.
- Hess, J. A., & Coffelt, T. A. (2012). Verbal communication about sex in marriage: Patterns of language use and its connection with relational outcomes. *The Journal of Sex Research*, 49(6), 603–612. <https://doi.org/10.1080/00224499.2011.619282>
- Jankowiak, W., Nell, M. D., & Buckmaster, A. (2002). Managing infidelity: A cross-cultural perspective. *Ethnology*, 41(1), 85–101. <https://doi.org/10.2307/4153022>
- Jasso, G. (1985). Marital coital frequency and the passage of time: Estimating the separate effects of spouses' ages and marital duration, Birth and Marriage Cohorts, and Period Influences. *American Sociological Review*, 50(2), 224–241. <https://doi.org/10.2307/2095411>
- Kleinplatz, P. J., Paradis, N., Charest, M., Lawless, S., Neufeld, M., Neufeld, R., Pratt, D., Ménard, A. D., Buduru, B., & Rosen, L. (2017). From sexual desire discrepancies to

- desirable sex: Creating the optimal connection. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 44(5), 438–449. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2017.1405309>
- Klusmann, D. (2002). Sexual motivation and the duration of partnership. *Archives of Sexual Behavior*, 31(3), 275–287. <https://doi.org/0004-0002/02/0600-0275/0>
- Kohut, T., Balzarini, R. N., Fisher, W. A., Grubbs, J. B., Campbell, L., & Prause, N. (2019). Surveying Pornography Use: A Shaky Science Resting on Poor Measurement Foundations. *Journal of Sex Research*, 57(6), 722–742. <https://doi.org/10.1080/00224499.2019.1695244>
- Kohut, T., Dobson, K. A., Balzarini, R. N., Rogge, R. D., Shaw, A. M., McNulty, J. K., Russell, V. M., Fisher, W. A., & Campbell, L. (2021). But What’s Your Partner Up to? Associations Between Relationship Quality and Pornography Use Depend on Contextual Patterns of Use Within the Couple. *Frontiers in Psychology*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.661347>
- Kohut, T., Fisher, W. A., & Campbell, L. (2016). Perceived effects of pornography on the couple relationship: Initial findings of open-ended, participant-informed, “bottom-up” research. *Archives of Sexual Behavior*, 46(2), 585–602. <https://doi.org/10.1007/s10508-016-0783-6>
- Kraus, S. W., Martino, S., & Potenza, M. N. (2016). Clinical characteristics of men interested in seeking treatment for use of pornography. *Journal of Behavioral Addictions*, 5(2), 169–178. <https://doi.org/10.1556/2006.5.2016.036>
- Lalumière, M. L., & Quinsey, V. L. (1998). Pavlovian conditioning of sexual interests in human males. *Archives of Sexual Behavior*, 27(3), 241–252. <https://doi.org/10.1023/A:1018686817316>
- Lambert, A. L., Lambert, N. M., Negash, S., Stillman, T. F., Olmstead, S. B., & Fincham, F. D. (2012). Love that doesn’t last: Pornography consumption and weakened commitment to one’s romantic partner. In *Journal of Social and Clinical Psychology* (Vol. 31, Issue 4).
- Lambert, N. M., Negash, S., Stillman, T. F., Olmstead, S. B., & Fincham, F. D. (2012). A love that doesn’t last: Pornography commitment to one’s romantic partner. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 31(4), 410–438. <https://doi.org/https://doi.org/10.1521/jscp.2012.31.4.410>

- Lewczuk, K., Lesniak, J., Lew-Starowicz, M., & Gola, M. (2020). Variability of Pornographic Content Consumed and Longest Session of Pornography Use Associated With Treatment Seeking and Problematic Sexual Behavior Symptoms. *Sexual Medicine, 9*(1). <https://doi.org/10.1016/j.esxm.2020.10.004>
- Lewczuk, K., Szmyd, J., Skorko, M., & Gola, M. (2017). Treatment seeking for problematic pornography use among women. *Journal of Behavioral Addictions, 6*(5), 445–456. <https://doi.org/10.1556/2006.6.2017.063>
- Machette, A. T., Morrissey, B. S., & Cionea, I. A. (2021). The Sexual Communication Discrepancy Index: A Multidimensional Self-Report Instrument for the Assessment of Sexual Communication Discrepancies. *Journal of Sex and Marital Therapy*. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2021.1998272>
- MacNeil, S., & Byers, E. S. (2005). Dyadic assessment of sexual self-disclosure and sexual satisfaction in heterosexual dating couples. *Journal of Social and Personal Relationships, 22*(2), 169–181. <https://doi.org/10.1177/0265407505050942>
- Maddox, A. M., Rhoades, G. K., & Markman, H. J. (2011). Viewing sexually-explicit materials alone or together: Associations with relationship quality. *Archives of Sexual Behavior, 40*(2), 441–448. <https://doi.org/10.1007/s10508-009-9585-4>
- Manning, J. C. (2006). The impact of internet pornography on marriage and the family: A review of the research. *Sexual Addiction & Compulsivity: The Journal of Treatment & Prevention, 13*(2–3), 131–165. <https://doi.org/10.1080/10720160600870711>
- Mark, K. P. (2015). Sexual Desire Discrepancy. *Current Sexual Health Reports, 7*, 198–202. <https://doi.org/10.1007/s11930-015-0057-7>
- Matthews, S. J., Giuliano, T. A., Rosa, M. N., Thomas, K. H., & Swift, B. A. (2020). Sexual Novelty Scale. In R. R. Milhausen, J. K. Sakaluk, T. D. Fisher, C. M. Davis, & W. L. Yarber (Eds.), *Handbook of Sexuality-Related Measures* (4.<sup>a</sup> ed., pp. 291–293). Routledge. <https://doi.org/10.1037/t75475-000>
- Matthews, S. J., Giuliano, T. A., Rosa, M. N., Thomas, K. H., Swift, B. A., Ahearn, N. D., Garcia, A. G., Smith, S. R., Niblett, C. M., & Mills, M. M. (2018a). The battle against bedroom boredom: Development and validation of a brief measure of sexual novelty in

- relationships. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 27(3), 277–287.  
<https://doi.org/10.3138/cjhs.2017-0041>
- Matthews, S. J., Giuliano, T. A., Rosa, M. N., Thomas, K. H., Swift, B. A., Ahearn, N. D., Garcia, A. G., Smith, S. R., Niblett, C. M., & Mills, M. M. (2018b). The battle against bedroom boredom: Development and validation of a brief measure of sexual novelty in relationships. *Canadian Journal of Human Sexuality*, 27(3), 277–287.  
<https://doi.org/10.3138/cjhs.2017-0041>
- McCarthy, B., & Oppliger, T. R. (2019). Treatment of Desire Discrepancy: One Clinician’s Approach. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 45(7), 585–593.  
<https://doi.org/10.1080/0092623X.2019.1594475>
- McCarthy, B., & Ross, L. W. (2018). Maintaining sexual desire and satisfaction in securely bonded couples. *The Family Journal: Counseling And Therapy for Couples and Families*, 217–222. <https://doi.org/10.1177/1066480718775732>
- Minarcik, J., Wetterneck, C. T., & Short, M. B. (2016). The effects of sexually explicit material use on romantic relationship dynamics. *Journal of Behavioral Addictions*, 5(4), 700–707.  
<https://doi.org/10.1556/2006.5.2016.078>
- Montesi, J. L., Conner, B. T., Gordon, E. A., Fauber, R. L., Kim, K. H., & Heimberg, R. G. (2013). On the relationship among social anxiety, intimacy, sexual communication, and sexual satisfaction in young couples. *Archives of Sexual Behavior*, 42(1), 81–91.  
<https://doi.org/10.1007/s10508-012-9929-3>
- Morgan, E. M. (2011). Associations between young adults’ use of sexually explicit materials and their sexual preferences, behaviors, and satisfaction. *Journal of Sex Research*, 48(6), 520–530. <https://doi.org/10.1080/00224499.2010.543960>
- Morton, H., & Gorzalka, B. B. (2014). Role of partner novelty in sexual functioning: A review. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 41(6), 593–609.  
<https://doi.org/10.1080/0092623X.2014.958788>
- Morton, H., & Gorzalka, B. B. (2015). Role of partner novelty in sexual functioning: A review. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 41(6), 593–609.  
<https://doi.org/10.1080/0092623X.2014.958788>

- Murray, S. H., Milhausen, R. R., & Sutherland, O. (2014). A qualitative comparison of young women's maintained versus decreased sexual desire in longer-term relationships. *Women and Therapy, 37*(3–4), 319–341. <https://doi.org/10.1080/02703149.2014.897559>
- Paul, B., & Shim, J. W. (2008). Gender, sexual affect, and motivations for internet pornography use. *International Journal of Sexual Health, 20*(3), 187–199. <https://doi.org/10.1080/19317610802240154>
- Pechorro, P. S., Pascoal, P. M., Jesus, S. N., Almeida, A. I., Figueiredo, C. S., & Vieira, R. X. (2016). Propriedades psicométricas da versão portuguesa da nova escala de satisfação sexual – versão curta. *Revista Internacional de Andrologia, 14*(3), 94–100. <https://doi.org/10.1016/j.androl.2016.04.006>
- Perry, S. L. (2017). Does viewing pornography reduce marital quality over time? Evidence from longitudinal data. *Archives of Sexual Behavior, 46*(2), 549–559. <https://doi.org/10.1007/s10508-016-0770-y>
- Perry, S. L., & Davis, J. T. (2017). Are pornography users more likely to experience a romantic breakup? evidence from longitudinal data. *Sexuality and Culture, 21*(4), 1157–1176. <https://doi.org/10.1007/s12119-017-9444-8>
- Peter, J., & Valkenburg, P. M. (2016). Adolescents and pornography: A review of 20 years of research. *Journal of Sex Research, 53*(4–5), 509–531. <https://doi.org/10.1080/00224499.2016.1143441>
- Philaretou, A. G., Mahfouz, A. Y., & Allen, K. R. (2005). Use of Internet pornography and men's well-being. *International Journal of Men's Health, 4*(2), 149–169. <https://doi.org/10.3149/jmh.0402.149>
- Poulsen, F. O., Busby, D. M., & Galovan, A. M. (2013). Pornography use: Who uses it and how it is associated with couple outcomes. *Journal of Sex Research, 50*(1), 72–83. <https://doi.org/10.1080/00224499.2011.648027>
- Regnerus, M., Gordon, D., & Price, J. (2015). Documenting pornography use in America: A comparative analysis of methodological approaches. *Journal of Sex Research, 53*(7), 873–881. <https://doi.org/10.1080/00224499.2015.1096886>
- Reid, R. C., Li, D. S., Gilliland, R., Stein, J. A., & Fong, T. (2011). Reliability, validity, and psychometric development of the pornography consumption inventory in a sample of

- hypersexual men. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 37(5), 359–385.  
<https://doi.org/10.1080/0092623X.2011.607047>
- Rissel, C., Richters, J., de Visser, R. O., McKee, A., Yeung, A., & Caruana, T. (2016). A profile of pornography users in Australia: Findings from the second Australian study of health and relationships. *Journal of Sex Research*, 54(2), 227–240.  
<https://doi.org/10.1080/00224499.2016.1191597>
- Rodrigues, D. L. (2021). Solitary and joint online pornography use during the first COVID-19 lockdown in Portugal: Intrapersonal and interpersonal correlates. *Cyberpsychology*, 15(4).  
<https://doi.org/10.5817/CP2021-4-2>
- Rodrigues, D. L., Lopes, D., Dawson, K., de Visser, R., & Štulhofer, A. (2020). With or Without You: Associations Between Frequency of Internet Pornography Use and Sexual Relationship Outcomes for (Non)Consensual (Non)Monogamous Individuals. *Archives of Sexual Behavior*, 50(4), 1491–1504. <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01782-z>
- Rodrigues, D., & Lopes, D. (2015). The role of moral commitment within the Investment Model. *International Journal of Psychology*, 50(2), 155–160.  
<https://doi.org/10.1002/ijop.12088>
- Rusbult, C. E., Martz, J. M., & Agnew, C. R. (1998). The investment model scale: Measuring commitment level, satisfaction level, quality of alternatives, and investment size. *Personal Relationships*, 5(4), 357–391. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1998.tb00177.x>
- Schneider, J. P. (2000). A qualitative study of cybersex participants: Gender differences, recovery issues, and implications for therapists. *SexualAddiction & Compulsivity: The Journal of Treatment & Prevention*, 7(4), 249–278.  
<https://doi.org/10.1080/10720160008403700>
- Schroder, K. E. E., Carey, M. P., & Vanable, P. A. (2003). Methodological challenges in research on sexual risk behavior: I. item content, scaling, and data analytical options. *Annals of Behavioral Medicine*, 26(2), 76–103.  
[https://doi.org/10.1207/s15324796abm2602\\_02](https://doi.org/10.1207/s15324796abm2602_02)
- Short, M. B., Black, L., Smith, A. H., Wetterneck, C. T., & Wells, D. E. (2012). A review of internet pornography use research: Methodology and content from the past 10 years.

- Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 15(1), 13–23. <https://doi.org/10.1089/cyber.2010.0477>
- Sims, K. E., & Meana, M. (2010). Why did passion wane? A qualitative study of married women's attributions for declines in sexual desire. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 36(4), 360–380. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2010.498727>
- Stack, S., Wasserman, I., & Kern, R. (2004). Adult social bonds and use of internet pornography. *Social Science Quarterly*, 85(1), 75–81. <https://doi.org/10.1111/j.0038-4941.2004.08501006.x>
- Staley, C., & Prause, N. (2013). Erotica viewing effects on intimate relationships and self/partner evaluations. *Archives of Sexual Behavior*, 42(4), 615–624. <https://doi.org/10.1007/s10508-012-0034-4>
- Strizzi, J., Fernández-Agis, I., Alarcón-Rodríguez, R., & Parrón-Carreño, T. (2016). Adaptation of the New Sexual Satisfaction Scale-Short Form into Spanish. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 42(7), 579–588. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2015.1113580>
- Štulhofer, A., Buško, V., & Brouillard, P. (2010). Development and bicultural validation of the new sexual satisfaction scale. *Journal of Sex Research*, 47(4), 257–268. <https://doi.org/10.1080/00224490903100561>
- Thompson, A. E., & O'Sullivan, L. F. (2015). Drawing the line: The development of a comprehensive assessment of infidelity judgments. *The Journal of Sex Research*, 53(8), 910–926. <https://doi.org/10.1080/00224499.2015.1062840>
- Tunariu, A. D., & Reavey, P. (2003). Men in love: Living with sexual boredom. *Sexual and Relationship Therapy*, 18(1), 63–94. <https://doi.org/10.1080/1468199031000061272>
- Tunariu, A. D., & Reavey, P. (2007). Common patterns of sense making: A discursive reading of quantitative and interpretative data on sexual boredom. *British Journal of Social Psychology*, 46(4), 815–837. <https://doi.org/10.1348/014466607X177669>
- Vaillancourt-Morel, M.-P., Daspe, M.-È., Charbonneau-Lefebvre, V., Bosisio, M., & Bergeron, S. (2019). Pornography use in adult mixed-sex romantic relationships: Context and correlates. *Current Sexual Health Reports*, 11(1), 35–43. <https://doi.org/10.1007/s11930-019-00190-2>

## Anexos

### Anexo 1 – Ranking pornografia, listagem completa (Hald & Štulhofer, 2015)

#### Tabela de Anexo 1

Ranking Categorias da Pornografia de Hald e Štulhofer (2015)

|                            | Ranking        |          |                    |          |
|----------------------------|----------------|----------|--------------------|----------|
|                            | Heterossexuais |          | Não-heterossexuais |          |
|                            | Homens         | Mulheres | Homens             | Mulheres |
| Amador <sup>a</sup>        | 1              | 8        | 4                  | 12       |
| Sexo oral                  | 2              | 2        | 2                  | 3        |
| Seios grandes <sup>a</sup> | 3              | 16       | 14                 | 16       |
| Treesomes                  | 4              | 1        | 3                  | 1        |
| Sexo anal                  | 5              | 11       | 1                  | 13       |
| Madura <sup>a</sup>        | 6              | 24       | 19                 | 24       |
| Sexo vaginal               | 7              | 7        | 15                 | 8        |
| Lésbico <sup>a</sup>       | 8              | 13       | 18                 | 4        |
| Cumshot                    | 9              | 14       | 7                  | 5        |
| Orgia                      | 10             | 6        | 8                  | 19       |
| Lolita                     | 11             | 21       | 17                 | 21       |
| Softcore <sup>a</sup>      | 12             | 3        | 13                 | 7        |
| Masturbação                | 13             | 9        | 10                 | 11       |
| Outro                      | 14             | 15       | 11                 | 14       |
| Gang bang                  | 15             | 4        | 12                 | 6        |
| Fetish                     | 16             | 19       | 16                 | 20       |
| Bukake                     | 17             | 20       | 20                 | 23       |
| Bissexual <sup>b</sup>     | 18             | 12       | 9                  | 2        |
| Bondage and dominance      | 19             | 10       | 21                 | 10       |
| Bizarro                    | 20             | 22       | 22                 | 22       |
| Pênis grandes <sup>a</sup> | 21             | 5        | 6                  | 9        |
| Sexo violento              | 22             | 17       | 23                 | 17       |
| Sadomasoquismo             | 23             | 18       | 24                 | 15       |
| Fist fucking               | 24             | 23       | 26                 | 25       |
| Mulheres gordas            | 25             | 26       | 27                 | 27       |
| Chuva dourada e enemas     | 26             | 27       | 25                 | 26       |
| Gay <sup>a</sup>           | 27             | 25       | 5                  | 18       |

*Nota.* As categorias da pornografia que se encontram destacadas, são aquelas que se encontram nas 10 com os valores mais elevados para homens ou mulheres heterossexuais ou não-heterossexuais;

<sup>a</sup> Categorias que foram eliminadas da versão final por serem específicas de género e orientação sexual ou atributos físicos.

<sup>b</sup> Devido à sua semelhança com a categoria orgia, esta foi excluída da versão final.

## **Anexo 2 - Carta de Consentimento Informado**

Este estudo está a ser realizado no âmbito da dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica de Susana Monteiro, no ISPA-Instituto Universitário, sob a orientação do Professor Doutor Pedro Alexandre Costa (ISPA) e do Doutor David Rodrigues (Iscte).

O objetivo principal deste estudo é compreender de que modo a visualização de pornografia e a atividade sexual com parceiros/as sexuais significativos pode determinar o funcionamento da relação. A sua participação é fundamental para o sucesso deste estudo e para o avanço da ciência das relações interpessoais e da sexualidade.

Este estudo destina-se a pessoas maiores de 18 anos, que se encontrem numa relação amorosa comprometida e que já tenham utilizado pornografia, e deverá ter uma duração aproximada de 15 minutos.

A sua participação é totalmente voluntária e não esperamos quaisquer riscos para si. Se sentir desconforto com alguma das questões, pode escolher não responder e continuar com a sua participação até ao fim do questionário. Da mesma forma, poderá terminar a sua participação a qualquer momento, bastando para tal fechar a janela do seu browser. Neste caso, não haverá qualquer prejuízo para si e os seus dados não serão considerados para futuras análises.

Garantimos total anonimato e confidencialidade das suas respostas, sendo as mesmas analisadas conjuntamente com as respostas de outras pessoas. Em momento algum solicitaremos qualquer dado potencialmente identificativo. As análises serão utilizadas apenas para fins de investigação científica e as conclusões gerais do estudo poderão eventualmente ser partilhadas pelos meios de comunicação social.

Para qualquer questão adicional sobre a informação que acabou de ler, por favor contacte a investigadora responsável por este estudo através do e-mail: [28287@alunos.ispa.pt](mailto:28287@alunos.ispa.pt)

Ao aceitar participar, declara que:

- Compreende o objetivo do estudo, o que será pedido, bem como, os benefícios e riscos envolvidos na participação;
- Leu o consentimento informado ao/à participante e tem oportunidade de discutir o envolvimento neste com os investigadores responsáveis;

- Tem conhecimento que a sua participação é voluntária, sendo que a opção de não participar será respeitada e não afetará de alguma forma as relações com os investigadores envolvidos;
- Compreende que pode abandonar o estudo a qualquer momento;
- Tem conhecimento que a sua informação pessoal adquirida no decorrer deste estudo será mantida em segurança e apenas utilizada nos termos previamente acordados por si.

### **Anexo 3 - Carta de Devolução**

Agradecemos imenso a sua participação!

Este estudo pretende compreender se a diferença entre o que as pessoas veem na pornografia e o que fazem nas suas atividades sexuais é determinante para a qualidade da sua relação, satisfação sexual, necessidade de novidade sexual na relação e desejo em ter comportamentos de infidelidade.

Caso a participação lhe tenha causado algum tipo de desconforto, poderá contactar a linha de Aconselhamento Psicológico da Saúde<sup>24</sup> (808 242 424), ou Sexualidade em Linha (800 222 003).

Se tiver alguma questão adicional ou desejar ter acesso aos resultados globais do presente estudo, por favor contacte a investigadora principal através do e-mail [28287@alunos.ispa.pt](mailto:28287@alunos.ispa.pt) (Susana Monteiro) ou um dos supervisores deste trabalho através dos e-mails [pcosta@ispa.pt](mailto:pcosta@ispa.pt) (Prof. Dr. Pedro Alexandre Costa) ou [dflrs@iscte-iul.pt](mailto:dflrs@iscte-iul.pt) (Dr. David Lourenço Rodrigues).

Obrigada pela participação,

Cumprimentos

## Anexo 4 - Parecer Ético



Comissão de Ética de Investigação  
ISPA - Instituto Universitário de Ciências  
Psicológicas, Sociais e da Vida  
Rua Jardim do Tabaco, 34,  
1149-041 Lisboa  
Telefone: (351) 218 811 700  
Fax: (351) 218 860 954

### COMISSÃO DE ÉTICA

#### PARECER

**Título do projeto:** Será que a Discrepância entre a intimidade e a pornografia se associa à qualidade da relação e ao desejo de comportamentos extradiádicos?

**Investigador responsável:** Pedro Costa

**Instituição/Curso:** ISPA – Instituto Universitário

O protocolo do estudo apresenta objetivos relevantes. Foram descritos adequadamente os métodos e procedimentos a adotar e estes respeitam os direitos humanos e as recomendações constantes nos documentos nacionais e internacionais relativos à ética em investigação.

Assim, o parecer da Comissão de Ética do ISPA-Instituto Universitário é favorável à realização do estudo em epígrafe.

Qualquer alteração futura aos procedimentos descritos do estudo que possam colidir com os critérios éticos de investigação com seres humanos ou animais não humanos constantes nos referidos regulamentos, exigem uma reapresentação do pedido de apreciação a esta Comissão.

**Comissão Ética do ISPA – Instituto Universitário**

(Assinatura do Presidente da CE)

  Lisboa  ,   24   de   11   de 2021.